

A crônica brasileira: Gênero literário representando o espírito do Modernismo e a capacidade de conservar o Humanismo na Modernidade

A crônica brasileira atingiu uma popularidade que nenhum outro gênero literário alcançou. Richard A. Preto-Rodas resumiu seu estudo da crônica com "One might safely assert that the genre is Modern Brazil's favorite vehicle for literary expression" (524). A editora L & PM declara que na história da literatura brasileira, nunca um livro vendeu tanto em tão pouco tempo, consagrado pela crítica e pelo público, como *O Analista de Bagé* de Luis Fernando Verissimo.¹ Venderam-se 80 edições em menos de dois anos e *Outras do Analista de Bagé* atingiu cerca de 40 edições em um ano. Verissimo é um dos cronistas mais populares atualmente, mas é um entre muitos outros famosos como, por exemplo: Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Rachel de Queiroz, Rubem Braga, Jô Soares e tantos outros. Com um lugar tão privilegiado na cultura brasileira, a crônica merece uma análise para investigar as razões da sua popularidade na Modernidade, nosso tempo contemporâneo. Que tem a crônica em temas e formas que a põe num lugarzinho tão especial no coração de tantos brasileiros?

Antes de estudar o tema, as razões, precisa-se estabelecer o que é a crônica. A palavra tem origem grega (*khronos*=tempo) e significa um relato objetivo de acontecimentos dentro de sua seqüência no tempo, constituindo assim um gênero histórico. Em grande número de casos consistiu na narrativa dos fatos de reinados ou mesmo de biografias de reinantes como a *Crônica do Condestabre* (1431), *Crônica Breve do Arquivo Nacional* (1429), *Crônica da Conquista do Algarve* (1419), *Crônica de Portugal de 1419* e *Cronicões* (quase sempre escritos em Latim) para só nomear algumas.² Na língua portuguesa a palavra "crônica" tem duas acepções principais. Já vimos a primeira: relato em ordem cronológica de acontecimentos de interesse histórico. A segunda, é de um pequeno comentário publicado em jornal ou revista, acerca de fatos reais ou imaginários. Confunde-se com aquilo que nas literaturas da língua inglesa se conhece pelo nome de ensaio

pessoal, informal, familiar, ou *sketch*. Se enfoca esta pesquisa nesta última acepção, a que abrange a moderna vida brasileira: seus costumes, as modas, os problemas do momento e as preocupações urbanas.

A evolução do nosso objeto de estudo vem de longe; apesar disso, uma crítica literária sobre o assunto quase nem existe. No *Handbook of Latin American Studies*, começa em 1978 uma seção da literatura brasileira chamada “Crônicas” em que Gerald Moser e Richard Preto-Rodas analisam a grande quantidade dos livros publicados como crônicas e dão um pequeno resumo dos acontecimentos no mundo cronista antes das suas listas de publicações.³ O problema que se estabelece no resumo é a dificuldade de definir a crônica o que não é um trabalho escolar tão fácil como nossa definição parece mostrar; é por essa razão que a crônica incorpora muitos elementos e técnicas de outros gêneros literários. Moser cita com ironia:

To end with a paradox, here are two new definitions of the indefinable crônica: “A soap bubble reflecting the fleeting, volatile everyday.” (Ademaro Preziosa) “The crônica offers a unique opportunity to do anything-poetry, sociology, religion and general goofing-off (besteira).” (Ney Messias)

(cit. em Moser 634)

Obviamente essas definições não terminam com a confusão, mas a intensificam. A maior dificuldade reside em distinguir a crônica do conto ou da historinha, do ensaio e do poema e, acima de tudo, em julgar se a crônica é um gênero literário. Paulo Rónai não hesita em considerar “a crônica como um novo gênero da literatura brasileira, merecedor de interesse e de estudo” (156).⁴ Preto-Rodas considera a crônica em 1986 como “truly Brazilian literary genre” (549) e a sua prova é a grande quantidade de autores eminentes que se dedicam ao nosso tema, como por exemplo Clarice Lispector, Raul Pompéia, Rachel de Queiroz, e que um dos maiores críticos brasileiros, Afrânio Coutinho, dedica uma análise do gênero no seu volume VI de *Raul Pompéia*.

Apesar do pequeno número de “estudos” mencionados, uma análise da crônica é tão difícil de conseguir e seu número é tão limitado, que o pesquisador da crônica procurando informações e crítica fica frustrado em encontrar, em fontes diferentes minuciosamente conseguidas, a mesma análise da introdução ao livro de Raul Pompéia, citada palavra por palavra, primeiro na *Literatura no Brasil* no capítulo “ensaio e crônica” e outra vez na *Enciclopédia de literatura brasileira*, no verbete crônica. Afrânio Coutinho dá uma visão muito útil da evolução do cronismo, termo criado por Tristão de Athayde, com todas as suas transformações e seus autores representativos. Coutinho aceita que a crônica apresenta qualidade literária, quando se liberta de sua condição circunstancial pelo estilo e pela individualidade do autor. No começo o folhetim, mas também a novela ou romance, eram chamados de crônica quando publicados em jornal. Na origem a crô-

nica já era multifária e foi elevado aos mais altos níveis pelas técnicas e o estilo de Machado de Assis (1839-1908), autor considerado como um dos melhores da literatura latino-americana e que cultivou a crônica desde a sua mocidade. Importante reconhecer as três fases na evolução do gênero:

A primeira, o gênero histórico; a segunda, em que a crônica adquire um feito literário e jornalístico, como comentário dos acontecimentos sociais, políticos, literários, artísticos, do momento, através dos folhetins; a terceira, a atual, na qual o gênero se tornou especificamente literário e poético, correspondente às solicitações e ao ritmo do momento, não obstante aparecer ainda como colaboração jornalística. (Coutinho, "Introdução" 26-27)

A despeito da sua definição Coutinho admite a existência de muitas diferentes classes ou espécies de crônicas e trata de classificá-las em *crônica narrativa metafísica poema-em-prosa comentário e informação* e outras, mas não sem a observação de que muitos cronistas borboleteiam em torno de diversos assuntos, temas e motivos, e que isso é mesmo da própria natureza da crônica: a flexibilidade, a mobilidade e a irregularidade. A crônica brasileira se torna gênero literário autônomo porque supera a sua base jornalística e urbana em busca da transcendência, sem deixar de ser ligada ao jornalismo.

Aos céticos tradicionais que ainda consideram a crônica um gênero "menor" gostaria de mencionar só duas observações. O dicionário da literatura põe a origem do conto enquanto narrativa escrita no início histórico do movimento romântico no Brasil, assinalado pelo fato em 1836: "Nessa data, publica-se *O Cronista*, jornal dirigido por Justiniano José da Rocha, em companhia de Firmino Rodrigues da Silva e Josino Nascimento Silva" (*Dicionário* 214). Que coincidência que a origem do conto, hoje não considerado gênero menor, é a mesma -o jornal- onde se cultivava a crônica; e o nome do jornal é mesmo *O Cronista*. Outra observação ainda mais convincente vem de uma análise de Afrânio Coutinho no seu livro *Da crítica e da nova crítica* em que estuda crítica, ensaio e crônica. Coutinho vê que o ensaio como gênero tem ancestrais de alta linhagem, como Sócrates, Platão, Cícero, Plínio, e outros, mas que o sentido original é "de uma dissertação curta e não metódica, sem acabamento, sobre assuntos variados. O tom era íntimo, coloquial e familiar" (89). No Brasil o uso da palavra *ensaio* é justamente o oposto do tipo original, fazendo-o sinônimo de estudo crítico, histórico, político e filosófico. Então o verdadeiro e tradicional ensaio é o que nós hoje designamos como *crônica* e de repente o ensaio fica sem gênero literário oficial e tradicional.

O que faz uma obra literária ou não são os recursos e técnicas literárias utilizados. Para estudar este assunto existe o primeiro livro totalmente dedicado à crônica, com esse nome, escrito por Jorge de Sá, professor de literatura brasileira na Universidade Federal Fluminense e crítico literário do

Jornal do Brasil. Neste livro ele dá a sua definição da crônica e deduz que Caminha, apesar de ser o primeiro cronista no sentido histórico e não no sentido do cronista moderno, já estabeleceu o princípio básico da crônica: registrar o circunstancial. O autor analisa as técnicas literárias de escritores-cronistas representativos: Rubem Braga, Fernando Sabino, Stanislaw Ponte Preta, Lourenço Diaféria, Paulo Mendes Campos, Carlos Heitor Cony e Carlos Drummond de Andrade. A cada cronista foi dedicado um capítulo em estudo das suas técnicas e métodos cultivados.⁵ Outro cronista, Eduardo Novaes, tem usado certos recursos técnicos do conto, como o diálogo, a síntese narrativa, a criação de personagens, a descrição de ambientes e situações, mas o tom jornalístico de informação imediata perdura, quase sempre explorando o lado ridículo e de humor da existência (Brasil 53). A proximidade da crônica ao conto foi estudado por Maria da Glória Bordini no ensaio “Na pista do Gigolô das palavras,” mas ela também analisa as técnicas de Verissimo: técnica do diálogo, exagero e jogo com duplo sentido de palavras. A seguinte citação resume o assunto:

Se as coisas têm um tamanho, ele o aumenta; se as palavras têm um sentido a que nós habituamos, ele o inverte; quando tudo parece correr igual à vida de todos os dias, ele subverte a ordem com um acontecimento sem pé nem cabeça. E mais: quando se espera que as coisas dêem certo, ele faz com que fracassem ou vice-versa, por obra do acaso, como se isso fosse aceitável . . . (Bordini 105)

Um trocadilho inesquecível é “la petite femme rustique” para “caipirinha” de “La Petite” de Verissimo (10).⁶ As técnicas de Verissimo e dos outros cronistas incluem sem dúvida uma variedade de recursos literários, como por exemplo, a ironia, a sátira, a paródia, a paráfrase, a antítese, a metonímia, a metáfora, o diálogo, o monólogo, e tantos outros, mas seu estudo não é o propósito da minha pesquisa. É possível que um gênero, a crônica, que utiliza tantos recursos literários não seja literário? A crônica até utiliza mais recursos que outros gêneros, em um espaço muito mais reduzido. A utilização de tantos recursos literários, que alguns estudiosos tradicionais somente atribuíam a certos gêneros, é que faz da definição da crônica um estudo trabalhoso. Em isso estaria a razão pela falta de crítica? E isso também não seria um desafio que poderia instigar a crítica? Instigou o meu estudo, o que não é um estudo de gênero, mas as minhas observações servem somente para indicar a confusão, dificuldade, até às vezes inutilidade de ter gênero literário para merecer crítica, estudo, e aceitação no mundo acadêmico.

Consideramos a origem e genealogia, e voltamos ao meu estudo, o assunto das razões para a popularidade da crônica. Poderíamos afirmar que a sua popularidade nasce da sua estrutura e dos temas que representam a Modernidade, os problemas, os desejos, as preocupações e sobretudo, o ele-

mento humano no cotidiano do indivíduo moderno. A estrutura da crônica é tão moderna que o seu espaço se estende do jornal e da revista ao rádio, praticada por Dinah Silveira de Queiroz e Genolino Amado, e à televisão. Característica da crônica é a sua atualidade, sempre refletindo o cotidiano, o dia-a-dia, a contemporaneidade. Analisarei em crônicas e autores específicos a estrutura e técnicas relacionadas com os temas do espírito do Modernismo na Modernidade. A maneira em que o nosso objeto de estudo reflete o caos urbano, a nostalgia do passado, a mudança na linguagem com a invenção de conceitos e temas novos, como o questionamento de conceitos filosóficos tradicionais; e em consequência do tratamento desses temas conserva a essência humana, especificamente brasileira.

O Modernismo representa todo nosso mundo como um caos. A modernidade põe nossa vida de cabeça para baixo, sem parar um momento para nos acostumarmos. Rubem Braga em "O Pessoal" expressa a desorientação "o pessoal anda muito desorientado . . . que envia mensagens inúteis para endereços errados" (1).⁷ Fernando Sabino mostra com muito humor a dificuldade do brasileiro em acostumar-se com a tecnologia em a "Secretária eletrônica," também nome da crônica.⁸ Drummond de Andrade em "Incêndio" examina o que a televisão oferece ao mundo urbano moderno.⁹ Somos espectadores de dramas que não podemos remediar, compartilhamos problemas não só com outros brasileiros mas com todo um outro mundo: lá está a guerra, a seca e a pobreza de um lugar longe do Rio, do Brasil, no meio da nossa sala. Raro é ver a morte operar assim à plena luz sem disfarce, a morte dando demonstração. Modernidade é quando uma mãe não pode abraçar, beijar ou tocar o seu menino, porque hoje é o swami Vijayananda Sarevast ("O Menino de sua mãe" 55-56). Drummond tem uma crônica examinando as contradições do modernismo em declarações diretas todas começando com "Quando," o nome da crônica:

quando a fome é industrializada em *slogans*, e mais fome se acumula quanto mais se promete ou se finge combater a fome; . . .

quando se dá ao proletariado a ilusão de decidir o que já foi decidido à sua revelia, e a ilusão maior de que é em seu benefício; . . . (57-58)

A cidade cresce constantemente e com esse progresso não vem naturalmente a ordem. Fernando Sabino mostra e critica humoristicamente a horrenda burocracia em "Cem Cruzeiros a Mais" e em "A Companheira de Viagem." Diante dessas obras rimos porque é inútil chorar ou zangar-se e o seguinte encontro com esse tipo de burocracia pode suportar-se com um sorriso. Não sempre a crônica reflete a Modernidade com tanto humor. O poeta e cronista Carlos Drummond de Andrade expressa às vezes um pessimismo extremo como em "A Banda" que dá um pouco de felicidade, mas que passa muito rápido, e "Os dias escuros": "não há alegria para a crônica, nem lhe resta outro sentido senão o triste registro da fragilidade imensa da

rica, poderosa e martirizada cidade do Rio de Janeiro” (92). Este triste registro inclui dar atenção ao que já é tão cotidiano que nem tomamos conhecimento da sua existência, e se observarmos só sentimos repugnância pelos elementos sociais mais baixos, como os meninos abandonados, tema no “Protesto Tímido” de Fernando Sabino, e da gente sem lar tratado em “Viadutos” por Drummond de Andrade. A crônica dá voz a essas pessoas esquecidas da sociedade, representa o aspecto humano que não vemos ou não queremos ver.

O contraponto da Modernidade, do crescimento do ambiente urbano e da classe burguesa, é o incremento de uma classe social humilde e, por consequência, o aumento do número de roubos e assaltos. Drummond de Andrade mostra a inutilidade da polícia em “Esparadrapo” e que é melhor ter cofre vazio para mostrar, em vez de receber uma surra para promover a revelação de um cofre inexistente. Mas atenção: facilmente nós chegamos a conclusões precipitadas quando vemos uma pessoa humilde, como no caso de “O Assalto” de Luis Fernando Verissimo. Um jovem humilde só queria pegar umas garrafas no apartamento 712, mas os moradores querem entregar dinheiro e jóias para que ele poupe as suas vidas. Uma humorística, mas crítica, lição de não ter preconceitos injustos.

A pessoa moderna enfrenta o tédio urbano, um espaço sufocante, uma modernização aparentemente fora de controle, experimenta a incompatibilidade com o asfalto da modernidade, mas como defesa certas crônicas nos salvam com a nostalgia do passado e nos dão o respiradouro preciso para a sobrevivência. “O Padeiro” de Rubem Braga, único autor que se dedicou só à criação da crônica, valoriza aquele desaparecido faz muitos anos, o padeiro, que leva o pão quente à manhã. “O Domingo e Anoiteceu” do mesmo autor, e, “Cinema,” de Rachel de Queiroz,¹⁰ lembram as tradições e a moral da província em grande contraste com o mundo urbano do Rio.

Um elemento importante do pensamento do Modernismo é a nossa linguagem: o seu estudo tanto quanto o seu questionamento. Muitas crônicas de vários autores, apresentam esta preocupação moderna. Rachel Queiroz em “Carta a um Editor Português” defende a autoridade da língua brasileira, e Fernando Sabino em “Que Língua, a Nossa!” mostra o ridículo de verbetes no dicionário inventando definições novas: “*Acionar* -ação a que se submete o dispositivo. *Dispositivo* -algo que deve ser sempre acionado. Nada a ver com dispositivo intra-uterino” (Sabino 31). Drummond de Andrade provoca reflexão sobre o nosso uso de palavras em “O Verbo Matar,” por que matamos aula, a fome ou o tempo? Quem jamais se questionou? Na análise de Drummond vemos a palavra de outro ângulo como a evolução das palavras da moda em “Excelências” ou dos palavrões em “Modos de Xingar.” Fora do seu tempo perdem o seu significado e, muitas vezes, as palavras expressam o que não querem dizer ou o seu oposto, como ‘pois sim’ e ‘pois não’ analisado com muito humor por Verissimo. Verissimo sabe que abusamos das palavras, as fazemos “prostitutas” que ele explora

no "O Gigolô das Palavras," considerando-se ele, o cronista, como o gigolô. É uma comparação não só humorística e irônica mas também com certo sentido da verdade.

A modernidade é "all that is solid melts into air,"¹¹ tudo que temos considerado tradicionalmente como fatos, começa a questionar-se, como por exemplo a veracidade da História e a existência da Verdade. A crônica brasileira retoma questões epistemológicas como a existência ou não existência da Verdade. Luis Fernando Verissimo escreve "A Verdade," com uma história com moral mostrando, que se prefere sexo e violência à verdade, e na crônica "Versões" põe em palavras o pensamento moderno "Que importa qual é a versão certa? O que é, afinal, A Verdade? Não existe a Verdade, existe a versão que colou. Tem sido sempre assim" (47). Essa declaração de tanta verdade vem ironicamente não de uma pessoa, mas de uma samambaia, uma planta. O questionamento de convenções e instituições é um elemento forte do modernismo tanto quanto a auto-crítica. O Eu é dois, não só um, e dessa nova perspectiva se pode dar uma olhada menos subjetiva e mais objetiva e científica. Essa reflexão sobre si mesmo é levada a seu máximo deleite em o "Auto-retrato" de Drummond e a "Auto-entrevista" de Verissimo. No "Auto-retrato" o espelho diz que Drummond se diverte com o escândalo produzido por seus escritos, escândalo de que emergem as seguintes opiniões a seu respeito: "É um burro.' É um louco.' 'É superior a Castro Alves e igual a Baudelaire' " (14). Se vê que um auto-retrato pode dar a oportunidade de mostrar a crítica à sua crítica, com sua perspectiva, fazendo esta até ridícula. Esta atitude não é tradicionalmente comum e apresenta outro elemento moderno.

A crônica tem a capacidade de conservar o Humanismo na Modernidade. O que destaca a crônica do simples jornalismo é a crítica de Rubem Braga em "Os Jornais": "Porque os jornais noticiam tudo, tudo, menos uma coisa tão banal de que ninguém se lembra: a vida . . ." (23). Aqui é a chave do espírito moderno: ver no cotidiano, no monótono, o estranho. Como disse Julio Cortázar no seu romance *Rayuela*, o que nos deve parecer estranho é que o jornal vem cada manhã. A crônica toma o cotidiano, o desloca com situações que podem ocorrer a qualquer um de nós e assim tem a capacidade de captar o que se perde na Modernidade: o Humanismo. Fernando Sabino tem várias crônicas com esse forte elemento humano. "A mulher vestida" em que uma mulher gorda foi trancado num ginásio e entre a multidão que pouco a pouco se acumula, corre o boato que ela está nua. Identificamo-nos com o pobre "Homem Nu" que fica fora do apartamento, sem que sua mulher dentro possa ouvi-lo. O embaraço exagerado é um elemento do humanismo utilizado nessas duas crônicas. "Televisão para dois" mostra a relação íntima que se pode criar entre o patrão e sua empregada vendo TV juntos. "O estranho ofício de escrever" exemplifica a mudança da opinião de um crítico do cronista. O cronista parou de escrever por dois anos, porque o crítico considerou a sua crônica péssima e que agora, depois de

tanto tempo sem escrever, o mesmo crítico a avalia como a melhor que já escreveu. Uma coisa simples como um beijo pode criar um problema quando se dá mais que a norma (Verissimo, “Beijos”). O cronista Verissimo nos surpreende em “Angélica” quando uma excelente empregada não quer um salário muito alto, mas quer jogar damas por dinheiro. Ao final, o patrão deve muito dinheiro à empregada e o leitor supõe saber o fim da crônica, mas ela não aceita o cheque dele. O humano contra o materialismo a que estamos tão acostumados, e que naturalmente esperamos, mostra-nos outra realidade, uma realidade já perdida talvez, mas muito mais humana.

O cronista é como um descobridor e pode inventar e nomear o que existe no cotidiano mas nunca foi nomeado antes, nem foi um tema, conceito ou termo. O cronista é o nomeador do existente/não-existente, outra atitude muito moderna. No futebol, no segundo tempo quando o resultado continua zero a zero começa “A hora do louco” (Verissimo), onde a única lógica é a da bola espirrada. Outro fenômeno é “O Popular” (Verissimo), essa figura tipicamente urbana que sempre fica à margem dos acontecimentos, observando tudo, sem ser parte da ação. *A hora do louco* e *o popular* são parte de nosso mundo cotidiano e tão natural que nem tomamos consciência nem perdemos o tempo de nomeá-los.

Vemos que o cronista nomea e inventa conceitos novos, mas além disso, ele também destaca nas suas observações as atitudes puramente humanas já existentes, mas nunca mencionadas. Em “A Volta (I)” e “A Volta (II),” Verissimo mostra a que ponto podemos levar nossa incapacidade de admitir que não reconhecemos um parente, que a final de contas, nem o é. Outro jogo do cronista é inverter o cotidiano com algo não-natural. Jô Soares publicou duas crônicas na *Veja* no ano passado que utilizam essa técnica.¹² “No restaurante” (*Veja* 9) vemos um cliente que quer pagar mais que uma o duas vezes:

—Eu queria a conta, por favor.

O garçom se espanta com o pedido:

—Como, a conta? O senhor já pagou.

O baixinho olha para ele ofendidíssimo:

—E eu por acaso tenho cara de quem não pode pagar de novo? (Soares 13)

A inversão do cotidiano nos dá uma nova perspectiva nunca antes experimentada, mas incrivelmente divertida. “No botequim” (*Veja* 15) é outro exemplo de quão paradóxica a vida pode-se tornar; quando um freguês repetidamente muda seu perdido mas ainda pede uma rosquinha depois que o garçom explicou que há três anos que não tem rosquinha.

Essa carnavalização da realidade é outro elemento do modernismo. Luis Fernando Verissimo realiza o melhor exemplo desse elemento em “O único animal.” Ele analisa como o homem se distingue dos outros animais e com essas comparações verdadeiras logra a máxima paródia do ser humano:

É o único que acha que Deus é parecido com ele.
 E é o único. . .
 ... É o único animal que fala mais que o papagaio.
 que faz o que gosta escondido . . .
 ... que muda de cor quando se envergonha. . .
 ... que compra antenas. . .
 Não é o único que mata, mas é o único que vende a pele. (7-8)

Não existe outra coleção de observações que pode revelar a essência humana mais honesta e discreta que esta crônica. O leitor se identifica com humor e se diverte em conhecer-se num paradigma nunca explorado antes.

Vimos a variedade de temas com vários cronistas e crônicas que refletem a Modernidade e que são as razões da sua popularidade. Variedade é o elemento mais importante da crônica, especialmente considerando a dificuldade de fazer cada dia ou cada semana uma nova seção, criar algo original, sabendo o seu caráter efêmero. “Um facto de trinta dias pertence á história, não á chronica” disse Machado de Assis (301). A crônica logrou sobreviver em antologias e livros publicados das melhores crônicas publicadas em jornais, até coleções de vários autores que são utilizadas para o ensino nas escolas e universidades.

A variedade dos temas funciona em combinação com outro elemento, a variedade da estrutura e os recursos e as técnicas literárias. Tomando só um cronista, Jô Soares, publicando na *Veja* em 1992, vemos as múltiplas formas possíveis. Já sabemos que a crônica não tem que respeitar as fronteiras do ensaio e do conto. Malcolm Silverman inclui “O Homen Nu” de Sabino em o seu livro *O novo conto brasileiro*. De verdade algumas crônicas são muito parecidas com o conto, como por exemplo: “A Boneca Triste” de Drummond, “Condomínio,” “Infiltrações” e “A volta de Ed Mort” de Verissimo. Essas crônicas ou contos têm personagens mais desenvolvidas e “Infiltrações” até parece um *Caminhos Cruzados* (romance do pai do autor, Erico Verissimo) reduzido em poucas páginas, mas com várias cenas intercaladas. Além do conto, Jô Soares tem poemas em prosa, só frases como “Frases e Curtas & Rápidas,” peça de teatro de um ato ou forma de múltipla escolha. Todas essas formas são acompanhados de desenhos que também Verissimo utilizou. Desenhos que vêm com as crônicas fazem parte da crônica e são um elemento necessário para o entendimento da crônica como por exemplo o desenho dum porco grande, metáfora para P. C. Farias. Uma fotomontagem genial mostra um menino comendo o dedo de Barbara Bush que olha muito assustada. Esta foto foi utilizada na crônica intitulada “Menino come o dedo de Barbara Bush.” A paródia chega a seu ápice em “O exame,” onde Pedro Collor é examinado pelo psiquiatra. As perguntas todas são atitudes ou ações de Fernando Collor, hoje ex-presidente, que implicam a loucura, não de Pedro, mas de Fernando: “Já pensou em congelar quase todo o dinheiro de um país achando que seria ótimo? Pedro: Jamais,

doutor” (Soares *Veja* 23). Esta crônica é permeada de paródia e paráfrase¹³ e tem uma gravura de Napoleão olhando muito sério no meio da página, referindo-se a Fernando Collor de Mello com este olhar e atitude da superioridade. Nos “Cavalos brancos” Soares utiliza uma história tão exagerada que ele termina com uma Moral: “Sei que esta história é dura de engolir, mas se você acreditou na do Cláudio Vieira, pode perfeitamente acreditar em qualquer coisa” (Soares, *Veja* 32). O problema de acreditar nas razões oficiais oferecidas ao público é outro grande problema moderno que faz parte da consciência do brasileiro.

Luis Fernando Verissimo resolveu este problema com outra técnica: a criação de uma personagem fictícia, mas por isso não menos efectiva, a famosa Velhinha de Taubaté. Ela é utilizada como a única pessoa em todo Brasil que ainda acredita no que o governo explica na televisão sobre os escândalos. Quando ela deixar de acreditar o país se acabará. A técnica da ficção é um método que deu muito êxito a Verissimo. Suas personagens inventadas com todas as suas características são famosas em todo o país. Outras são o detetive Ed Mort e o Analista de Bagé que teve tanto sucesso que escreveu outra coleção de crônicas chamadas *Outras do Analista de Bagé*. Verissimo cria essas personagens para uma efetiva crítica social e política. O leitor sempre sabe quem é o autor da crônica, o cronista muitas vezes até a assina. A palavra da crônica é a palavra do cronista, o que faz da crítica uma coisa muito mais delicada, e portanto, sai muito mais fácil pela boca da Velhinha, de Ed Mort ou do Analista, como um discurso fictício. A questão da ficção e realidade é outra fronteira que desaparece na Modernidade “Recent Theories of discourse, however, dissolve the distinction between realistic and fictional discourses” (White X).

Em conclusão, analisamos a origem da crônica e a sua evolução até estabelecer-se como gênero literário, apesar de suas contradições e uma grande falta de uma crítica literária significativa. Estudamos em exemplos específicos as razões para sua popularidade, que reside em sua representação do espírito do Modernismo em temas ligados a Modernidade, o aumento do ambiente urbano caótico e a única defesa é a nostalgia ao passado da província. Além disso, a transformação da linguagem com os seus novos conceitos inventados como outros nunca antes nomeados e o questionamento epistemológico dos temas. Os temas em seu conjunto conservam a essência humana do indivíduo moderno perdido no cotidiano febril. Apesar disso, a variedade de estruturas e a fusão de gêneros reflete o caos moderno, o abandono de fronteiras tradicionais e científicas. A crônica logrou transcender o seu caráter efêmero jornalístico, deixando seu vestígio em livros e antologias publicadas; mas sobretudo no pensamento, no coração, e no espírito do Brasileiro da Modernidade.

Sylvia C. Blynn-Avanosian
University of California, Los Angeles

NOTAS

1. Declaração da editora L & PM na capa de *Outras do Analista de Bagé*.
2. Mais informações sobre a crônica histórica e as definições das obras citadas se encontram no a) *Dicionário da literatura* b) *Pequeno dicionário de literatura brasileira*, c) *Pequeno dicionário de literatura Portuguesa* de Maussaud Moisés.
3. Uns dos pioneiros no estudo das publicações da crônica brasileira são no *Handbook of Latin American Studies*, 1978, 1980 e 1982, Gerald M. Moser, professor de Espanhol e Português da Universidade de Pennsylvania e 1984, 1986 e 1990, Richard A. Preto-Rodas, diretor da divisão de línguas na Universidade de Florida.
4. Um artigo breve "Um gênero brasileiro: a crônica" de Paulo Rónai foi publicado em *Crônicas Brasileiras* (154-156) em que tenta de distinguir algumas características comuns a todas as crônicas. Sua numeração oferece um guia geral interessante, mas que não se pode aplicar a qualquer crônica como, por exemplo, o tamanho fixo de entre uma ou duas laudas datilografadas e a lei não escrita que proíbe jargão jornalístico. Além disso, o caráter inconclusivo, o que significa que ela não deve ter uma conclusão prática, nem lição moral e não deve ser pilhérica. No grande número de crônicas existem várias que desacreditam as suas características estabelecidas.
5. Consultar para mais informação: *A Crônica* de Jorge de Sá.
6. As crônicas de Luis Fernando Verissimo estudadas nesta pesquisa são: "La Petite" do livro *A Mãe do Freud*; "O Assalto" e "Angélica" do livro *O analista de Bagé*; "O Gigolô das Palavras" do livro *O Gigolô das Palavras*; "A verdade," "Beijos," "A Volta I," "A Volta II" e "A volta de Ed Mort" do livro *A Mulher do Silva*; "Versões" e "Condomínio" do livro *Outras do Analista de Bagé*; "Auto-entrevista" do livro *A Velhinha de Taubaté*; "A hora do louco" e "Infiltrações" do livro *Orgias*; "O Popular" do livro *O Popular* e "O único animal" do livro *O Marido do doutor Pompeu*.
7. Todas as crônicas citadas de Rubem Braga são do livro *Crônicas Brasileiras*.
8. Neste estudo citamos de Fernando Sabino as crônicas seguintes: "Secretária eletrônica," "Protesto Tímido," "Que Língua, a Nossa!" e "Televisão para dois" do livro *A falta que ela me faz*; "Cem Cruzeiros a Mais," "A Companheira de Viagem" e "A mulher vestida" de *Crônicas Brasileiras* e "O Homem Nu" do livro *O Homem Nu*.
9. Entre as crônicas de Drummond de Andrade que foram consultadas neste estudo "Incendio," "O menino de sua mãe," "Quando," "A Banda," "Os dias escuros" e "Auto-Retrato" são publicadas no livro *Auto-Retrato e outras crônicas*; "Viadutos," "Esparadrapo," "O Verbo Matar," "Exelências," "Modos de Xingar" e "A Boneca Triste" estão no livro *De Notícias e Não Notícias*.
10. Todas as crônicas citadas de Rachel de Queiroz são da antologia *Crônicas Brasileiras*.
11. Frase utilizada por Karl Marx e título do livro de Marshall Berman que analisa a "Experiência da Modernidade."
12. Todas as crônicas citadas de Jô Soares são da revista *Veja*.
13. Vejam sobre o assunto um estudo de Affonso Romano de Sant'Anna, *Paródia, paráfrase & cia*.

OBRAS CITADAS

- A Literatura no Brasil*, vol. VI, Teatro. Conto. Crônica a nova literatura. Rio de Janeiro: Editorial Sul American S. A., 1971.
- Assis, Machado de. *Chronicas*. 3eiro vol. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc, 1938.
- Berman, Marshall. *All that is solid melts into air. The Experience of Modernity*. New York: Simon & Schuster, Inc., 1982.
- Bordini, Maria da Glória. "Na pista do Gigolô das Palavras." Verissimo, Luis Fernando. *O Gigolô das Palavras*. Porto Alegre-Rio Grande do Sul: Editores L&PM, 1982. 99-106.
- Brasil, Assis. *Vocabulário técnico de literatura*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1979.
- Coutinho, Afrânio. "Introdução." *Raul Pompeia. Obras*. vol. 6. *Crônicas*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1982.
- _____. *Da crítica e da nova crítica*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1957.
- Crônicas Brasileiras*. Eds. Alfred Hower & Richard A. Preto-Rodas. Centro de Estudos Latino-americanos. Gainesville: Universidade de Florida, 1971.
- Dicionário da Literatura. 3a edição. Porto: Figeirinhas, 1973.
- Drummond de Andrade. *Auto-Retrato e outras crônicas*. Rio de Janeiro: Editora C.D.A., 1989.
- _____. *De Notícias e Não Notícias*. Rio de Janeiro: Editôra C.D.A., 1974.
- Enciclopédia de literatura brasileira*, vol. 1, Rio de Janeiro: Ministério da Educação Fundação de Assistência ao Estudante, 1990.
- Handbook of Latin American Studies. Humanities* 40, 42, 44, 46, 48, 50. Ed. Dolores Moyano Martin. Austin: University of Texas Press, 1978,1980, 1982, 1984, 1986, 1990.
- Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1980.
- Moisés, Maussaud. *Pequeno dicionário de Literatura Portuguesa*. São Paulo: Editora Cultrix, 1981.
- Moser, Gerald. "Crônicas." *Handbook of Latin American Studies. Humanities* 42. Ed. Dolores Moyano Martin. Austin: University of Texas Press, 1980.
- Preto-Rodas, Richard. *Handbook of Latin American Studies. Humanities* 46. Ed. Dolores Moyano Martin. Austin: University of Texas Press, 1984.
- Romano de Sant'Anna, Affonso. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Editora Atica S. A., 1985.
- Rónai, Paulo. "Um gênero brasileiro: a crônica." *Crônicas Brasileiras*. Eds. Alfred Hower & Richard A. Preto-Rodas. Centro de Estudos Latino-americanos. Gainesville: Universidade de Florida, 1971. 154-156.
- Sá, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Editora Atica S.A., 1985.
- Sabino, Fernando. *A falta que ela me faz*. 4a edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.
- _____. *O Homem Nu*. 9a edição. Rio de Janeiro: Editora Sabiá Limitada, 1960.
- _____. *Crônicas Brasileiras*. Eds. Alfred Hower & Richard A. Preto-Rodas. Centro de Estudos Latino-americanos. Gainesville: Universidade de Florida, 1971.

- Silverman, Malcolm. *O Novo Conto Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S. A., 1985.
- Veja*. 9 (26 de fevereiro, 1992), 15 (8 de abril, 1992), 23 (3 de junho, 1992), 32 (5 de agosto, 1992). São Paulo: Editora Abril.
- Verissimo, Luis Fernando. *O Analista de Bagé*. Porto Alegre-Rio Grande do Sul: Editores L&PM, 1981.
- _____. *Outras do Analista de Bagé*, 12a edição. Porto Alegre-Rio Grande do Sul: Editores L&PM, 1982.
- _____. *A Velhina de Taubaté*. Porto Alegre-Rio Grande do Sul: Editores L&PM, 1983.
- _____. *O Popular*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1973.
- _____. *A Mãe do Freud*. Porto Alegre-Rio Grande do Sul: Editores L&PM, 1985.
- _____. *Orgias*. Porto Alegre-Rio Grande do Sul: Editores L&PM, 1989.
- _____. *A Mulher do Silva*. Porto Alegre-Rio Grande do Sul: Editores L&PM, 1984.
- _____. *O Marido do doutor Pompeu*. Porto Alegre-Rio Grande do Sul: Editores L&PM, 1987.
- _____. *O Gigolô das Palavras*. Porto Alegre-Rio Grande do Sul: Editores L&PM, 1982.
- White, Hayden. *The Content of the Form*. Prefácio. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1987. IX-XI.